

JOÃO CABRAL COMO UM GONSALVES DE MELO

ÉVERTON BARBOSA CORREIA*

RESUMO

Em 1978, João Cabral de Melo Neto escreveu um poema para a debutante Ana Cecília Freyre Pimentel, neta de Gilberto Freyre e prima do poeta. Feito para a celebração familiar, a composição debulha o cordão parental que liga o autor à aniversariante pelo ramo Gonsalves de Melo. Afora aquela circunstância, o poema cabralino só veio a ser reeditado no volume da Nova Aguilar de *Poesia completa e prosa* de 2008, cuja apreciação será pautada pelas particularidades da sua publicação, em encarte e em livro.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Edição; Genealogia; Memória.

Enquanto a editora Nova Aguilar estiver circulando no mercado haverá a expectativa de que obras tão diversas quanto a de Olavo Bilac e a de Mario Quintana sejam tomadas por meio da coleção, da organização e da anotação de algum especialista, o que vem a conferir amplo significado e legitimidade imoderada à obra do autor em foco, cuja condição de objeto de consumo se dá sob padronagem reconhecida: índice de primeiros versos, fortuna crítica, notícia biográfica, capa dura e papel bíblia. Se a diversidade de gostos literários se vê ali contemplada, também é oportuno frisar que as reedições da Nova Aguilar não raro corrigem erros editoriais da Aguilar velha, quando não da própria Nova Aguilar, dissipando equívocos historiográficos às vezes induzidos pela própria editora e despertando certo embaraço nos leitores. A verificação de tal movimento editorial, que atualiza e expande a edição anterior, pode ser cotejado pela edição da *Poesia completa*

* Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: evertonbcorreia@gmail.com

e prosa de Carlos Drummond de Andrade (1967), editada pela Aguilar velha e, reeditada em 1973 e 1979, até chegar a última edição pela Nova Aguilar em 2001, agora em dois volumes, reimpressos nos anos subsequentes, o que já soa como algo obsoleto, a considerar o lugar da editora no mercado, indicado e reivindicado amiúde por sebos ou por sites especializados.

Caso mais simples parece ser o de João Cabral de Melo Neto, porque só teve duas edições do seu livro *Poesia completa e prosa*: uma, em 1994, sob a organização de Marly de Oliveira – poetisa e esposa do poeta; e outra, em 2008, organizada por Antonio Carlos Secchin – professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Seria demasiado conveniente acreditar que as reedições se devessem tão só ao propósito de atender à demanda do público consumidor, que entre os seus objetos de desejo preferenciais destaca a leitura, como se se tratasse exclusivamente de um imperativo mercadológico, que alveja certo público com poder de consumo e hábitos solitários. O fato é que a reedição das obras também serve para alterar substancialmente o seu entendimento, sobretudo se cada publicação for entendida como uma totalidade constituída de partes, o que pode valer para a coletânea que reúne vários livros, como também para cada livro que enfeixa uma quantidade de poemas. No caso da reedição da *Poesia completa e prosa* de João Cabral de Melo Neto pela própria Nova Aguilar, houve alteração do número e da ordenação dos livros, acrescentando-lhe à lista o título de *Primeiros poemas*, que abre a edição de 2008 e que na edição anterior figurava como apêndice ao final do volume, e não como um livro autônomo e publicado, como foi, de fato. No cotejo entre os livros *A escola das facas* (1980) e *Crime na Calle Relator* (1987), tal como constam nas duas edições, é preciso assinalar a flutuação de poemas que, a depender da edição, constam num volume ou no outro.

A título de ilustração do fato literário que ambas as edições encerraram, vou listar apenas os poemas que migraram da primeira edição do livro *Crime na Calle Relator* para *A escola das facas* da edição da *Obra completa* de João Cabral da Nova Aguilar de 1994 cuja reedição sob o título de *Poesia completa e prosa* da mesma Nova Aguilar de 2008 restaura a edição

princeps, com acréscimo de mais alguns poemas, que já lhe haviam sido acrescentados na edição imediatamente anterior, somente para evidenciar que os livros têm os mesmos títulos, são do mesmo autor e da mesma editora, mas são diferentes entre si. Na edição da Nova Aguilar de 1994, o livro *A escola das facas* (1980) dispõe de uma coleção de 48 poemas, ao passo que na de 2008 repõe a cifra de 45 poemas, conforme a edição original. Em contrapartida, o livro *Crime na Calle Relator* (1987) na edição princeps consta de 16 poemas, ao passo que na edição de 1994 dispõe de 22 poemas, que se expandem em 25 na de 2008, retomando os três poemas que haviam migrado para *A escola das facas* na edição anterior da própria Aguilar. Para entender a diferença da distribuição dos 70 poemas que totalizam os dois livros, em ambas as edições da Nova Aguilar, os três poemas faltantes num livro de uma edição são os mesmos acrescentados no outro livro da outra, quais sejam, “Menino de três engenhos”, “A múmia” e “Porto dos cavalos”. Então, a depender da edição que o leitor esteja compulsando, estes poemas podem ser considerados como publicação do ano de 1980 ou de 1987, quando foram publicados originalmente cada um dos volumes constantes nas duas edições da Nova Aguilar. Com isso, talvez não se altere tanto a compreensão histórica das publicações, uma vez que são ambas da década de 1980. Todavia, se tomarmos os livros como uma totalidade portadora de sentido ali particularizado, tal compreensão haverá de sofrer alguma interferência, haja vista que as partes variam, de parte a parte, tal como consta em cada uma das publicações acionadas.

Na primeira edição de *A escola das facas* (1980), o volume dispunha apenas de 45 poemas, assim como na primeira edição do livro *Crime na Calle Relator* (1987) havia 16 poemas, portanto, a edição original deste livro difere de ambas as reedições da Nova Aguilar, tanto na de 1994 (quando o volume apresentava 22 poemas) quanto na de 2008 (quando dispunha de 25 poemas), o que nos leva a crer que, assim como as pessoas mudam ao longo do tempo, os livros também mudam. Quando da publicação da primeira edição da *Obra completa* de João Cabral de Melo Neto pela Nova Aguilar em 1994, o autor ainda estava vivo e certamente colaborou com a edição do volume, organizado pela sua mulher, com quem privava

não só do cotidiano, mas também de alguma reflexão sobre a poesia e, em especial, sobre a sua própria poesia, conforme atesta em entrevista (MELO NETO, 1996, p. 18-31). Então, a depender da compreensão editorial em voga, deve-se priorizar uma ou outra edição da Nova Aguilar. Se o leitor for partidário da ideia de que a publicação original tem precedência sobre as posteriores, então se deve ater à edição de 2008. Se, ao contrário, simpatizar com a ideia de que a última publicação em vida do autor é a que vale, neste caso, deverá compulsar a edição de 1994. Qualquer que seja sua preferência, porém, deverá fazer menção à outra publicação, já que os livros se alteram como um todo, interferindo na compreensão das partes que dialogam entre si, o que vem a ser uma nota dominante na escritura de João Cabral.

Conforme o caso, o leitor de *A escola das facas* disporá de uma coleção que apresenta uma quantidade par ou ímpar de poemas, sendo a edição de 1994 par e a de 2008, ímpar. O mesmo acontece com o leitor de *Crime na Calle Relator*, cuja coleção de 1987 é par, tal como a de 1994, sendo a de 2008 ímpar. Levando em conta poemas e declarações do autor que reitera sua predileção pelo par e que ele estava vivo em 1994, pode ser esta a opção do leitor, com todo o seu direito. Por outro lado, se quiser tomar a opção pelo livro em sua historicidade primeira, tal como foi concebido como objeto de arte e artefato linguístico, tornará igualmente legítima sua dedicação à leitura da edição de 2008. De uma maneira ou de outra, se vier a se ocupar com o livro *A escola das facas* ou *Crime na Calle Relator*, disporá de livros que aumentam ou diminuem a quantidade de poemas, de acordo com a edição utilizada. Tal problematização só tem sentido se o leitor, tal como o autor dessas linhas, dispuser das duas edições da obra de João Cabral de Melo Neto pela Nova Aguilar. Se, no entanto, dispuser de outras edições das obras do autor pernambucano, seja pela editora Nova Fronteira ou pela editora Alfabeta, saberá que se alinha com a compreensão editorial vigente na edição de 2008 da Nova Aguilar.

No texto em curso, não há opção por uma das duas orientações editoriais levantadas, uma vez que o poema escolhido para apreciação somente veio a lume uma única vez, na edição da *Poesia completa e prosa* da Nova Aguilar de 2008, sob a organização de Antonio Carlos Secchin,

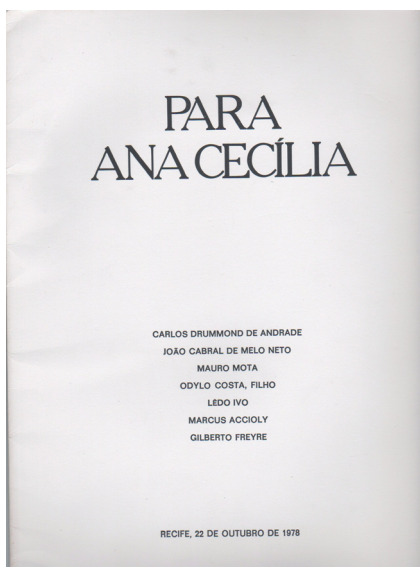
como já se disse. Então, se antes a possibilidade de escolha desta edição como objeto de estudo estava ancorada pela hipótese de reproduzir a historicidade original das obras – bem como as da editora Nova Fronteira e a da editora Alfaguara –, sua historicidade agora se efetiva por motivação diferente e exclusiva, é a única edição da obra de João Cabral de Melo Neto a dispor do poema “Para Ana Cecília”. Bem entendido, se considerarmos o poema como objeto público, passível de entendimento linguístico e histórico, mediado por uma expressão subjetiva que, por sua vez, adquire valor de representação social. Ainda que o sujeito poético em foco só possa ser visualizado enquanto objeto de uma circunstância privada, enlaçando sua família a um evento particular que, por mais paradoxal que pareça, já traz consigo o germe da publicidade, animada pelo cordão de poetas que colaboraram com a publicação natalícia de âmbito familiar.

Não sendo da família e não tendo estado na festa, só posso considerar o poema sob o prisma de quem o lê como objeto linguístico público, que tem valor histórico, porquanto singulariza uma experiência vivenciada no espaço residencial, que, por contiguidade, adquire valor de representação social, em parte, porque a família vem a ser uma célula da sociedade e uma extensão sua, em miniatura; em parte, porque a família celebrada também adquire valor de representação social quanto mais rememora certa experiência histórica, vinculada ao tipo de sociabilidade caudatária da produção da cana-de-açúcar e que se estende do período colonial até a derrocada do império brasileiro, a qual coincide com a decadência da açucarocracia pernambucana. Se tal condição familiar é associada mormente ao antropólogo que descreve o patriarcado brasileiro na trilogia *Casa-grande e senzala* (1933), *Sobrados e mocambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959), muito mais deve ser associada ao poeta em foco, que viveu a infância entre engenhos de cana-de-açúcar, tal como está descrito no poema que oscila do livro *A escola das facas* para o *Crime na Calle Relator*, “Menino de três engenhos”.

Por seu turno, na família nuclear, Gilberto Freyre nunca ultrapassou o limite de um filho do professor da Faculdade de Direito, ao passo que João Cabral de Melo Neto foi efetivamente um filho do engenho. Talvez por isso

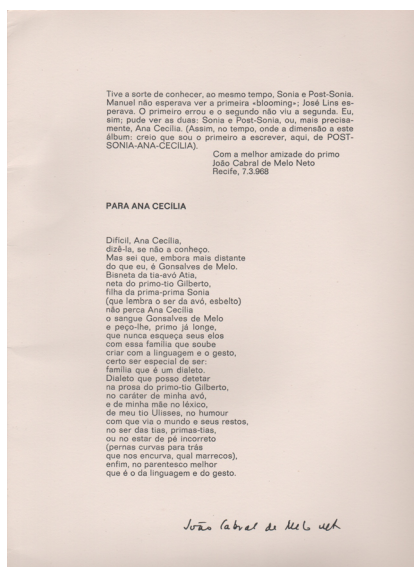
sua descrição da parentela seja muito mais intensa, efusiva e regular, porquanto se estende a circunstâncias e objetos, sejam suas experiências no espaço residencial onde identificamos poemas como “Autobiografia de um só dia”, “O jardim da minha vó”, “A roda dos expostos da Jaqueira” ou “Lembrança do Porto dos Cavalos”, outro poema que oscila entre *A escola das facas* e *Crime na Calle Relator*. Não estranha, pois, a incidência da cana, do canavial e do Capibaribe na sua poesia como elementos que evocam sua experiência familiar que se limita com a casa de seus pais e, eventualmente, com a casa de outros parentes, tal como a experiência que nos ocupa agora, quando dispomos do registro do poema naquela comemoração sob o formato a que os convidados e os colaboradores tiveram acesso, a considerar capa do encarte e o poema de João Cabral ali na sua publicação primeira.

FIGURA 1 - Capa do encarte distribuído na festa de debutante de Ana Cecília Freyre Pimentel, neta de Gilberto Freyre.



Fonte: Arquivo pessoal de Sônia Maria Freyre Pimentel.

FIGURA 2 - Telegrama de João Cabral a Gilberto Freyre (datado de 07 de março de 1968) e poema escrito, 10 anos depois, particularmente para a festa de debutante de sua prima, Ana Cecília.



Fonte: Arquivo pessoal de Sônia Maria Freyre Pimentel.

De antemão, agradeço vivamente a Sônia Maria Freyre Pimentel, filha de Gilberto Freyre por ter me cedido a fonte primária de que ora me ocupo (Figura 1 e Figura 2), sem a qual não poderia ter havido o registro do poema na edição da Nova Aguilar de 2008. Isso posto, antes de falar sobre o poema propriamente, cumpre frisar algumas informações constantes no encarte, para depurar qualquer dubiedade sobre sua significação. Da capa (Figura 1) se destacam o nome da debutante, a data de seu aniversário e a lista dos poetas colaboradores, que precisa ser reproduzida na ordem grafada ali: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Mauro Mota, Odylo Costa Filho, Ledo Ivo, Marcus Accioly e o avô da aniversariante, Gilberto Freyre. Como a ordem dos poetas não é alfabética, deve se presumir que a lista encerra uma valoração para a qual Drummond ocupa o lugar de primazia e o membro mais próximo da família, por modéstia ou gentileza, ocupa o lugar derradeiro. Fica fácil fazer tal dedução, porque naquela época Drummond já era reconhecido como o maior poeta nacional, embora se recusasse a se candidatar à Academia Brasileira de Letras (ABL), tal como o próprio Gilberto Freyre. Ademais, Drummond já tinha lhe dedicado o poema “A Gilberto Freyre” (DRUMMOND, 2003, p.331), ao menos desde 1952, coligido que foi inicialmente no *Viola de Bolso* e, quando Gilberto Freyre se investiu da condição de vate, o antropólogo dedicou o seu *Talvez poesia* (1962) justo ao poeta mineiro, ao passo que João Cabral só viera lhe dedicar o poema “Casa-grande e senzala, quarenta anos” (MELO NETO, 2008, p. 361) em 1974, quando da publicação do seu *Museu de tudo*. Isso nos leva a crer que o contato entre o antropólogo e o poeta mineiro fosse mais longínquo e efetivo do que com o poeta pernambucano, apesar da consanguinidade existente entre dois Gonsalves de Melo.

Tal consanguinidade se evidencia no telegrama transcrito antes do poema, com a data dez anos anterior à comemoração festejada, fazendo menção a um álbum, onde o poeta pernambucano ressentia a falta de outros dois outros escritores, Manuel Bandeira e José Lins do Rego, que, assim como João Cabral, foram membros da ABL e são seus primos pelo ramo Carneiro da Cunha. Pois, como informam os versos de Murilo

Mendes, “Sim, não é fácil chamar-se/ João Cabral de Melo Neto”, porque, por um lado, ele é Carneiro da Cunha, Cabral de Mello ou Souza Leão; por outro lado, é Carneiro Leão e Gonsalves de Mello. Fazendo a correlação entre os ramos familiares e os membros da ABL, temos a seguinte disposição: pelo ramo Carneiro da Cunha, João Cabral é primo de Manuel Bandeira, José Lins e Olegário Mariano; pelo ramo Cabral de Mello, é irmão de Evaldo e primo de Mauro Motta, que também colaborou para o encarte de Ana Cecília; pelo ramo Souza Leão, que se entronca no Sá Barreto, é primo de Joaquim Nabuco; pelo ramo Carneiro Leão, é primo de Múcio Leão; e pelo ramo Gonçalves de Mello é primo de José Antonio Gonsalves de Mello e de Gilberto Freyre, historiadores que poderiam ter sido e não foram membros da ABL, mas é por causa do último que chegamos aqui. Sem esquecer que o primeiro dicionarista da língua portuguesa é tataravô do poeta, conforme consta no seu poema “Antonio de Moraes Silva”, também constante no livro *A escola das facas*.

O fato é que a vivência literária experimentada ao redor de Gilberto Freyre fez com que estes mesmos autores visualizassem sua obra ensaística como matéria a ser formalizada, a exemplo do que acontecera com Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e o próprio João Cabral, a exemplo do que já foi assinalado (CORREIA, 2011, p. 161-176). Mas aí não residia um limite para alguns que chegaram a se ocupar do universo familiar do antropólogo como elemento de composição, donde resultou o aparecimento de sua filha em “Sônia Maria” (BANDEIRA, 2009, p. 293-294), aludido no telegrama grafado antes do poema, ou, ainda, nos versos dedicados à sua neta, que também se tornaram públicos para Drummond, como vemos nos “Versos para Ana Cecília do Recife” (ANDRADE, 2003, p. 1291-1292). Curioso mesmo é que João Cabral de Melo Neto enquanto estava vivo não tenha coligido aquele poema em nenhuma de suas obras, ao contrário de Bandeira e de Drummond. A despeito das especulações possíveis, tudo isso dá a dimensão de que havia uma vivência também experimentada no lar de Gilberto Freyre, para onde convergiam vários escritores que vieram a constituir a tradição poética que hoje é mais frequentada na literatura brasileira. A exceção desta frequência

talvez fique para Carlos Drummond de Andrade, que não era muito dado a viagens e geograficamente estava mais distante de Pernambuco, o que não comprometia a simpatia confessa e duradouramente nutrida por ambos, conforme os poemas dedicados reciprocamente ilustram. Caso especioso é o de João Cabral, cuja simpatia está explicitada em vários poemas e entrevistas, ao grafar o nome de Gilberto Freyre indiscriminadamente, seja como prenome, sobrenome ou adjetivo, e parece não ter privado do espaço residencial do tio-primo descrito no poema, apesar do que o poema enuncia.

Para Ana Cecília

Difícil, Ana Cecília,
dizê-la, se não a conheço.
Mas sei que, embora mais distante
do que eu, é Gonsalves de Melo
Bisneta da tia-avô Atia,
neta do primo-tio Gilberto,
filha da prima-prima Sonia
(que lembra o ser da avó, esbelto)
não perca Ana Cecília
o sangue Gonsalves de Melo
e peço-lhe, primo já longe,
que nunca esqueça seus elos
com essa família que soube
criar com a linguagem e o gesto,
certo ser especial de ser:
família que é um dialeto.
Dialeto que posso detetar
na prosa do primo-tio Gilberto,
no caráter de minha avó,
e de minha mãe no léxico,
de meu tio Ulisses, no humour
com que via o mundo e seus restos,
no ser das tias, primas-tias,
ou no estar de pé incorreto

(pernas curvas para trás
que nos encurva, qual marrecos),
enfim, no parentesco melhor
que é o da linguagem e do gesto.
(MELO NETO, 2008, p. 660)

Uma primeira informação a destacar no poema é o sobrenome “Gonsalves” grafado com “s”, assim como o “Freyre” de Gilberto é grafado com “y”. Em cada um dos casos, temos um sobrenome existente no Brasil anterior à reforma ortográfica de 1940, que, mesmo após tal reforma, permaneceu sendo grafado como antes. Ao menos para aqueles sujeitos que reclamam um vínculo com a tradição familiar que os antecederam e como eco de um tempo remoto, que também vem a lhes identificar. O que valeu para o sobrenome nem sempre vale para o nome. Pois algo muito diverso aconteceu com o nome Ulisses grafado com “i”, embora no registro de nascimento e no batismo estivesse grafado com “y”, tal como era norma na época e consta no hospital do Recife que carrega o seu nome: Ulysses Pernambucano de Mello. No caso do sobrenome dos primos, o poeta manteve no poema a grafia original. No caso do seu tio dileto, Ulisses, ele alterou a grafia do nome, trocando o “y” pelo “i”. O que nos leva a crer que o mesmo procedimento formal, acionado pela gramática vigente, vale de modo diferente para o nome do indivíduo e para o nome da família, através do qual um sujeito particularizado pode se conformar às mudanças sugeridas, mas não enquanto objeto de uma circunstância coletiva, tal como se desenrola a partir do seio familiar. Por outra, tal diferença no tratamento das consoantes sugere que o sujeito pode até vir a se transformar, mas não a sombra da família que o ampara.

Tal como está transcrito, o poema parece tão palpável quanto qualquer outro do autor. Mas só parece assim, porque demanda uma série de considerações contextuais, que precisam ser repisadas, para que não nos afastemos muito da dimensão possível que sua significação nos oferece, sem ignorar a circunstância primeira de sua circulação, a saber: o poema foi publicado de início em encarte produzido especialmente para a festa de 15 anos da neta de Gilberto Freyre – Ana Cecília Freyre Pimentel.

Além de João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Mauro Mota, Odylo Costa Filho, Ledo Ivo, Marcus Accioly e o próprio Gilberto Freyre dedicaram poemas à debutante. Se antes tais informações foram grafadas em função da descrição do encarte, agora valem ser repetidas porquanto dão a dimensão da peculiaridade da composição cabralina. As últimas edições da Aguilar coligiram os poemas de Drummond e de Cabral confeccionados para aquela comemoração, mas os demais ainda estão inéditos, salvo engano, figurando apenas no referido encarte. No caso de João Cabral, o poema consta apenas na segunda edição da Nova Aguilar, em sua *Poesia completa e prosa* (2008), sob indicação abstrata de “Dispersos”, mas sem constar em nenhum outro volume. A publicação tardia do poema ganha relevo na medida em que aponta para uma perspectiva de leitura, que, apesar de estar sugerida ao longo da sua produção, não foi alvo de grandes especulações pela sua crítica. Com isso, abre-se a possibilidade de a obra cabralina também receber apreciações a partir do recorte familiar, para o qual o poema acima serve de ótimo esteio.

Antes de considerações de outra ordem, Gonçalves de Melo é o ramo familiar em que se encontram a avó materna de João Cabral e a mãe de Gilberto Freyre, que eram irmãs, daí a designação de primo-tio. Atia era um apelido consignado à tia-avó de João Cabral, portanto, tia de Gilberto Freyre. Sônia é a mãe de Ana Cecília, portanto, prima-prima, posto que filha de seu primo-tio, Gilberto. O tio Ulisses referido trata-se de Ulisses Pernambucano de Melo, que também aparece no poema “História de pontes” do *Crime na Calle Relator* e que era sobrinho de Maria Olindina Gonsalves de Mello (avó do poeta) e que era marido da tia materna de João Cabral, Albertina Carneiro Leão, de quem era primo-irmão e com quem veio a se casar, celebrando tardiamente a endogamia canavieira.

Ao que parece, o que está em jogo no poema é o modo como a memória familiar é acionada, qual seja, um lugar onde se gravam as primeiras impressões que passam a ser definidoras do sujeito em foco e a partir de onde se desenvolve o espaço da afetividade gravada no corpo – “curvado qual marrecos” – e na fala, cujo dialeto é extensivo da oralidade para a escrita, conforme se detecta na prosa gilbertiana. De uma maneira geral, os discursos

regionalistas sofrem a mediação da ruralidade, que aqui se desdobra na urbanização, uma vez que estamos falando de um tempo posterior à decadência do patriarcado canavieiro, cujos representantes tardios já estão alocados no espaço citadino, próprio à sensibilidade e à sociabilidade modernas. Ocorre que nem só de urbanidade vive o homem moderno e esta ambiguidade de estar encravado em vários lugares ao mesmo tempo é que vai irrigar boa parte da produção literária brasileira, notadamente a poética, ancoradouro da memória subjetiva que às vezes toca a memória coletiva, que, gradativamente, também vai se afastando do espaço agrário, apagando-se.

Durante algum tempo houve a oposição entre cidade moderna e o campo arcaico, tanto na América quanto na Europa. No entanto, quando nos voltamos para a tradição poética brasileira mais frequentada, que articula a obra de Bandeira, de Drummond e de João Cabral, é necessário considerar que todos estes sujeitos tiveram experiências agrárias nas propriedades das respectivas famílias. E apesar de o poeta Manuel Carneiro de Sousa Bandeira ser primo em quarto grau de João Cabral de Melo Neto pelo ramo Carneiro da Cunha, que se entronca no Cabral de Melo, João Cabral é sem sombra de dúvida o sujeito cujos laços familiares estão mais arraigados à terra, seja pelo ramo supramencionado ou pelos Carneiro Leão, Sousa Leão e Gonçalves de Melo. Todos os ramos familiares são decantados em vários poemas do livro *A escola das facas* (dedicado a seus irmãos), passando pelo *Auto do frade* (dedicado a seus filhos) para encerrar a descrição do espaço e do tempo familiares nos livros *Agrestes* e *Crime na Calle Relator*, conjugando os livros cujo número de poemas é variável de edição para edição, como se houvesse alguma correlação de forças existente entre a matéria dos livros e sua oscilação editorial. E ainda que retirássemos todas as referências explícitas aos ramos familiares que sombreiam a imagem do poeta João Cabral de Melo Neto, sua descrição do Recife e do Capibaribe é resultante de uma visada cuja perspectiva está centralizada no espaço residencial da sua família, que margeava o rio, onde o menino passava horas assistindo sua correnteza, conforme confessa no poema “Prosas da Maré da Jaqueira” de *A escola das facas*. A Jaqueira, no caso, é a propriedade dos seus avós maternos, onde o poeta nasceu e hoje nomeia um parque da cidade.

Cumpra assinalar que, apesar de estar socialmente situado, não consta que João Cabral tenha herdado bens patrimoniais, mas, ao invés, sua herança ficou restrita aos bens imateriais legados pela sua parentela, quer nos reframos à ilustração das gerações anteriores – a exemplo do que se desdobra dos seus costados; ou, ainda, pela experiência vivenciada no espaço residencial que se limita com a memória do Recife, em geral, e do Capibaribe, em particular. Não é como um remanescente da nobreza da terra que ele se apresenta, apesar do cordão de títulos nobiliárquicos que encontramos na sua ancestralidade, a exemplo do seu tio-bisavô Barão de Moreno, a quem dedicou o poema “O engenho moreno” coligido no livro *A escola das facas*, ou o do outro tio-bisavô Barão de Vila Bela que foi um importante líder político liberal do segundo império. Por outra, é através do gesto e da linguagem que o poeta vai rastrear os traços característicos do seu parentesco, tal como referem os últimos versos do poema: “enfim, no parentesco melhor/ que é o da linguagem e do gesto”.

Ora, se o melhor parentesco fica gravado na linguagem e no gesto, isso quer dizer que não é exatamente nos bens físicos onde reside a herança priorizada pelo autor, e sim nos traços culturais, que podem ser identificados por uma semelhança dos movimentos corporais (um jeito de estar no mundo) e pelo desempenho na linguagem, objeto sócio-cultural por excelência que indica um modo de estruturar o raciocínio em público (um jeito de se apresentar ao mundo). Quando João Cabral alude à linguagem familiar que instaura um dialeto próprio, assim como aponta para um gestual que identifica os seus parentes, ele está valorizando algo que pode ser visualizado exteriormente como traço distintivo. Não se trata, pois, de algo interno ou íntimo, como se poderia depreender da consanguinidade, desdobrada em traços genéticos, ou no inventário de um patrimônio de bens materiais a ser transmitido para as novas gerações, sob respaldo jurídico. Na verdade, trata-se de índices formais exteriores àqueles sujeitos com quem o poeta se identifica muito particularmente, através dos movimentos físicos ou do léxico utilizado. Sendo um autor para quem a elaboração formal é condição para sua expressão individualizada, também quando olha para os seus parentes mais próximos ele vai enxergar algo

passível de formalização, seja no vocabulário ou no gesto. Aliás, o gesto e a linguagem identificados só interessam à medida que apontam para aqueles outros sujeitos em quem o autor se vê espelhado através de lampejos exteriores que lembram certos traços distintivos e que, portanto, dizem de sua identidade bem peculiarmente.

Por mais que possamos imputar conotações ideológicas à obra de João Cabral, não há como negar uma colocação social própria, que lhe é decorrente dos laços familiares que o enredam ao passado provinciano. A despeito das opções políticas que identificamos na sua biografia e que apontam para seus posicionamentos enquanto sujeito social, também podemos considerar a experiência no âmbito familiar como sendo igualmente constitutiva do seu repertório, através do qual sua memória será acionada na sua produção de maturidade. Por isso, o seu ser social que é extensivo à sua produção poética pode ser visto a partir de uma ambivalência que oscila entre as opções de um sujeito moderno e as determinações a que este mesmo sujeito carrega do Brasil que repercutiu nos seus dias e no seu seio familiar. Se isto não for suficiente para observar sua obra noutros termos, ao menos projeta alguma luz sobre o entendimento da subjetividade com a qual o poeta se identifica e que também pode ser vista sob o ângulo da memória, mesmo para aqueles autores nem sempre associados ao passado brasileiro mais remoto.

.....

JOÃO CABRAL AS A GONSALVES DE MELO

ABSTRACT

In 1978, João Cabral de Melo Neto wrote a poem for the debutante Ana Cecilia Freyre Pimentel, Gilberto Freyre's grand daughter and cousin of the poet. Made for the family celebration, the composition starts the parental cord linking the author to the birthday girl by branch Gonsalves de Melo. Aside from that condition, Cabral's poem just came to be reprinted in the volume of Nova Aguilar press *Poesia Completa e prosa* of 2008, whose assessment is guided by the particularities of its publication, in booklet and book.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Edition; Memory; Genealogy.

JOÃO CABRAL COMO UN GONSALVES DE MELO

RESUMEN

En 1978, João Cabral de Melo Neto escribió un poema para la debutante Ana Cecilia Freyre Pimentel, nieta de Gilberto Freyre y prima del poeta. Hecho para la celebración de la familia, la composición golpeando el parental cable une al autor con la cumpleañera por la rama de Gonsalves de Melo. Aparte de esa condición, el poema cabralino llegó a ser reimpresso en el volumen *Poesia Completa e prosa* de la Nova Aguilar de 2008, cuya evaluación está guiada por las particularidades de la publicación, em el cuaderno y libro.

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo; Edición; Memoria; Genealogía.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

CORREIA, Éverton Barbosa. Gilberto Freyre por Bandeira, Drummond e Cabral. *Ciências & Letras* (FAPA. Impresso), v. 50, p. 161-176, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

_____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

_____. Entrevista. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996. p.18-31.

Submetido em 06 de outubro de 2017

Aceito em 03 de abril de 2018

Publicado em 30 de julho de 2018
